

MARIA CAPELO

PAISAGEM, PALAVRA E SILÊNCIO

João Pinharanda

Estes desenhos trazem de novo Maria Capelo ao tema que tem obsessivamente ocupado a sua obra: a paisagem.

Vales e colinas, renques de árvores bordejando cursos de água, espaços abertos, montes calvos, árvores isoladas ou pequenos bosques, florestas mais fechadas e secretas, raríssimos pormenores de construções humanas confundindo-se com afloramentos rochosos... Todos estes elementos, recorrentes nas tradições ocidental e oriental do género, são tratados com uma enorme economia de meios sem porém deixarem de exibir uma extraordinária riqueza de combinações formais, cromáticas, texturais, lumínicas ou gestuais: a linha desfaz-se em cor e sombra e luz, se se trata de pintura; e evolui para um complexo jogo de manchas e gestos de referência pictórica, quando se trata de desenho. Finalmente, os efeitos visuais de cada disciplina são alcançados através de diversas e eficazes disposições, na superfície da obra, de subtis e muito densas gamas de cores ou de jogos de claro-escuro. Estes recursos sugerem uma sólida arquitetura visual mas, ao mesmo tempo, abrem e fecham as imagens ao ritmo de uma pulsação que quase sentimos como nossa.

Para maior eficácia visual e conceptual, a artista trabalha por séries: a partir de uma imagem matriz, Maria Capelo elabora sucessivas variações, ensinando-nos que, afinal, nada foi ou nada está definitivamente fixado; e que, além do trabalho de transformação exercido pela geologia, pelo clima e pelos homens sobre a paisagem, tudo é móvel, tudo é instável, tudo pode afastar-se de um ponto ou a ele regressar, como o passeante que, deambulando, cria o seu próprio labirinto.

As paisagens representadas em cada série são, portanto, entendidas como coisa física, que se percorre. Mas quando Maria Capelo transforma esse esforço de atravessarmos um espaço real no esforço (ou complexidade) de vermos esse espaço a partir do exterior, enquanto espectadores, as suas pinturas e desenhos passam a poder ser entendidos como modo de superação poética dessa coisa, a ser vistos como exercícios de meditação introspectiva: estas paisagens não revelam, escondem; são lugares onde a palavra existe como silêncio.

Maria Capelo cria, na lógica de montagem das suas exposições, um panorama temporal mais do que espacial. Cada imagem (cada série de imagens) guarda em si o tempo despendido na eliminação do que nela originalmente era supérfluo, pesava e distraía; e sua sucessão no espaço (nesta série temos trinta e três imagens) não contraria, antes acentua, a lógica temporal (cinética) de um processo de trabalho que, mais ainda no desenho que na pintura, confere aos seus conjuntos o estatuto de *travelling* e de montagem cinematográfica.



Deixando-nos frente a esses espaços representados ou conduzindo-nos metaforicamente ao longo e para dentro deles, a mão que desenha toma o lugar dos órgãos de locomoção e tato e torna-se ainda instrumento e órgão de visão múltipla. É assim que Maria Capelo, partindo do que viu, ou do que foi visto, nos devolve essa experiência como se esse visto nunca o tivesse sido, como se existisse apenas no ato e momento de criar, no momento de tornar visível cada uma das suas novas, diversas e secretas imagens.

O DIA JÁ FECHA AS PORTAS, 2022

Maria Capelo

Estes desenhos, feitos com pincel e tinta da China sobre papel oriental, fazem parte de uma série extensa que começa pela observação direta a partir de um ponto de vista sobre uma paisagem, um sítio existente, como aliás acontece em todo o meu trabalho. Nestes desenhos, que agora se apresentam, trata-se de um sítio com um pequeno afluente do rio Vascão, uma ponte, várias árvores, arbustos e montes, ou colinas. E luz, ventos, terra e céu. É este o vocabulário que se vai organizando, reorganizando, desaparecendo ou reaparecendo, mudando de escala, de posição, de luz. Todas as relações entre estes elementos variam de desenho para desenho, num processo que recorre à memória e ao real. E acontecem sobretudo com o gesto da mão e com o olhar repetido e insistente sobre este pequeno vocabulário, num trabalho em todos os desenhos recomeçado.

MARIA CAPELO nasceu em 1970 em Lisboa, onde vive e trabalha. Expõe desde 1996 e das exposições individuais destacam-se *Vento Espesso* (Museu da Cidade, Porto, 2022), *Do planalto se dobra a montanha* (Museu da Cidade, Porto, e Galeria Zé dos Bois, Lisboa), *As coisas do mundo são rocha* (Pavilhão Branco, Lisboa, 2019), *Deita-te, levanta-te e agora deita-te* (Fundação Carmona e Costa, Lisboa, 2017); e, das coletivas, *Tudo o que eu quero – Artistas Portuguesas de 1900 a 2020* (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, e CCOOD, Tours, 2021–2022), *Taking Root* (KIT, Düsseldorf, 2019), *Pedro Costa: Companhia* (Fundação de Serralves, Porto, 2018) e *RE: Imagining Europe* (BOX Freiraum, Berlim, 2017). Recebeu o Prémio FLAD de Desenho 2022.

Maria Capelo (Lisboa, 1970)
Sem título, 2022

Tinta da China sobre papel;
33 elementos, 17 × 23 cm cada

Gabinete




Gabinete reabilita o nome original desta sala da Central Tejo, agora com a função de novo espaço do maat para a exposição de pequenos núcleos de obras de artistas portugueses.

Informações úteis

maat - Museu de Arte,
Arquitetura e Tecnologia
Av. Brasília, Belém
1300-598 Lisboa

+351 210 028 130
+351 210 028 102
maat@edp.pt

Consulte o nosso site
para mais informações
www.maat.pt
ext.maat.pt

  
@maatmuseum
#maatmuseum

